

**Feminismos Globais
Estudos de caso comparados
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

BRASIL

Nataraj Trinta

Entrevistadora: Renata Saveedra

**University of Michigan
Institute for Research on Women and Gender
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290
Tel: (734) 764-9537**

E-mail: um.gfp@umich.edu

Website: <http://www.umich.edu/~glblfem>

© Regents of the University of Michigan, 2017

Nataraj Trinta nasceu em 1983 no Rio de Janeiro. Bacharel licenciada pela Universidade Federal Fluminense e especialista em História das Mulheres e História iconográfica brasileira trabalhou como pesquisadora na Revista de História da Biblioteca Nacional de 2006 até dezembro de 2014, sendo editora iconográfica da respectiva revista entre os anos de 2007 e 2010. Criou em 2010 a Rede Feminista de Arte Urbana (NAMI) junto a outras artistas e feministas. Virou grafiteira, se associou a Articulação de Mulheres Brasileiras e passou a dar oficinas de graffiti e falar sobre violência contra as mulheres em comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro. Entre 2011 e 2013 organizou a Marcha das Vadias na cidade do Rio de Janeiro. Hoje Nataraj Trinta trabalha como historiadora responsável pelo Centro de Memória Procurador de Justiça João Marcello de Araújo Júnior no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e exerce a função de pesquisadora e gerente de conteúdo nas empresas N30 Pesquisas: imagens, texto, produção e arte e N30 Editorial.

Nascida no Rio de Janeiro em 1986, **Renata Saavedra** é jornalista e historiadora. Atua com pesquisa e comunicação, sobretudo com temas na área de cultura e gênero. No momento é gerente de comunicação no Fundo ELAS, um fundo de investimento social que mobiliza recursos para apoiar projetos de grupos de mulheres que fortalecem o protagonismo feminino e sua luta por direitos no Brasil. Também é doutoranda em Comunicação e Cultura na UFRJ.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos.

Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – Labhoi, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento (NUMEM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning*

Initiative e the Brazil Initiative at the University of Michigan e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

Renata Saavedra: Eu sou a Renata Saavedra, a gente está aqui hoje na UNIRIO, no Rio de Janeiro, fazendo mais uma entrevista para o projeto Global Feminisms, da Universidade de Michigan. Hoje a gente está aqui com a Nataraj Trinta, que é historiadora, militante feminista e atualmente participa da Articulação de Mulheres Brasileiras. Então, para a gente começar, Nataraj, eu queria pedir para você se apresentar um pouquinho, e falar um pouco de como surgiu, e como tem atuado a Articulação de Mulheres Brasileiras.

Nataraj Trinta: Tá. Bom, na graduação as pessoas, os meus amigos e amigas me chamavam, "ah, você é feminista, você é feminista?" E numa bela hora tinha aberto uma vaga de pesquisa com uma professora que já não dava mais aula na graduação, só nas aulas de pós, era a Raquel Soihet, para um projeto de buscar vestígios sobre o antifeminismo, a campanha antifeminista na segunda onda do feminismo. E nessa pesquisa eu tive a oportunidade também de entrevistar várias mulheres e conhecer o que eram os estudos de gênero, o que era ser mais ou menos feminista por diversas vozes, diversos discursos, o que elas faziam, e aí elas desde prestar ajuda a mulheres que sofriam violência, mas uma ajuda de uma forma muito... Não tinha delegacia, embora as nossas delegacias hoje também não funcionem adequadamente, era aquela ajuda mesmo de levar para a sua casa, de fazer um coletivo de apoio e solidariedade, numa época onde a divulgação e a comunicação tinha as suas deficiências, e desde essa coisa mais prática de auxílio a outras mulheres, como também sair as ruas e pichar o muro, por exemplo, do Ziraldo, porque ele tinha posturas extremamente machistas no Pasquim. O Pasquim mesmo como um periódico de esquerda, e aí ele tinha esse lado assim, já se falava nessa pesquisa, essas mulheres já traziam a questão de que mesmo elas tendo uma ação social na esquerda, elas sofriam muito o machismo dentro da esquerda, além de outras que pulsavam, como a luta delas pela legalização do aborto, em 2004 ainda presente essa necessidade de lutar pela legalização do aborto, em 2014 ainda presente a necessidade da gente pautar socialmente a legalização do aborto. Mas em 2004/2005, fazendo entrevistas eu conheci a Ligia Coelho, e ela mesmo incitou, ela é uma física aqui da CBPF até, e incitou "poxa vamos fazer um grupo na UFF, eu vou para lá de vez em quando, outra a gente vem aqui para o Rio e faz uma discussão sobre o feminismo, algumas leituras feministas, e principalmente a gente se coloca para lutar

pela legalização do aborto". Eu achei aquilo bem legal, era uma forma de ter uma prática... Eu sempre gostei de assembleias, e conexões assim políticas, e sempre gostei também dessa área do direito sexual e reprodutivo. Não teve quórum, eu falava com as minhas amigas, assim todo mundo achava super importante, relevante, legal, mas ninguém se colocava para se reunir nos horários das brechinhas, coisa que assim, de 2005 para 2014 mudou muito. Em 2009, 2010, eu acho que os coletivos, eu não sei assim, se é bem essa marcação, mas eu sinto, assim, não é uma... Que os coletivos eles tomaram uma pulsão grande. Sem dúvida a internet... assim, a internet já existia, e claro, mas era menos disseminada, o Facebook é um aplicativo de rede social que conecta bastante. E aí você me perguntou pela Articulação de Mulheres Brasileiras. Bom, aí nesse período foi um período de estudo, de estudo, onde eu fiz a minha monografia também sobre a Revista Claudia, que tinha Carmem da Silva, e o ano de 1975, que foi o Ano Internacional da Mulher, e aí como a própria revista ela trazia questões bem esquizofrênicas até, porque ora tinha uma demanda mais tradicional, e ora as demandas que estavam mais nos movimentos sociais, como a separação, a mulher no mercado de trabalho, isso aparecia nas propagandas, nas imagens, etc. Nessa época eu entrei para a Revista de História [da Biblioteca Nacional], antes mesmo de me formar, aliás, 2006, em março, maio de 2006, eu entrei na revista, comecei a trabalhar com imagem, e estudar arte, e aí fui achando que o feminismo... Bom, o movimento social não foi adiante, e por mais que eu tivesse gosto pelos estudos de gênero, o feminismo eu me sentia muito envolvida, já era assim uma sensação de não saber se eu era feminista, e virar feminista, falar "não, eu sou feminista, eu acho o movimento importante, me faz bem o movimento". Achei também que eu estava ali muito tomada por essas questões, não conseguia distanciamento, não queria mais pesquisar, queria pesquisar agora história da arte moderna, a arte contemporânea e imagem, a história da imagem, e trabalhar com iconografia. Fui fazer o mestrado dentro dessa área na PUC, em História da Arte, e aí peguei um assunto que era um assunto, fui pegar expressionismo abstrato, arte do pós-guerra, a partir do Rothko. Comecei a trabalhar com fonte secundária, aquilo dali começou a fazer um eco do tipo, "o que eu estou fazendo?" [risos]. O que eu estou fazendo, era um tema assim difícil, eu não conseguia... Tudo bem, mestrado você não precisa de originalidade, mas eu estava me sentindo uma leitora de livros e compilando coisas. Adoro Rothko [risos], adoro Rothko, ainda. Mas aí nesse momento eu qualifiquei, o Paulo Knauss

foi até da minha banca, assim, que é... Os outros não eram de História. E entrei numa super crise, nessa época, isso foi em 2010 ou 2009, assim nessa crise, poxa, trabalhando com o Rothko, que era um cara também super angustiado, né? E ele tinha uma relação assim do fazer, trabalhava com criança, e era muito essa coisa assim do se colocar, tomar, e ainda com ideias assim, estava lendo Kant, estava gostando, e aí aquela coisa, entrar para a maior idade, tomar a vida pelas mãos, eu falei não, eu vou deixar isso, que eu não estou feliz, não está bem, e vou começar a grafitar. Por que o grafite? O grafite é aquela coisa, está o muro ali... No Brasil tem mais possibilidade, não é o grafite, até por um projeto político estadual, foi dissociado da pichação, e aí sim, era um espaço, vou começar a grafitar, o grafite só depende de mim agora, da tinta, sabe, vamos pensar, é difícil fazer arte abstrata, foi interessante para ver como é difícil sair da abstração, mas era uma demanda naquele momento. E nesse momento de grafite, de começar a grafitar, eu conheci a Panmela [Castro], que estava já com a ideia conectar artistas mulheres para o feminismo, e nisso... Só que a Panmela, quando eu conheci, algumas pessoas já alertavam que ela era uma pessoa bem difícil de lidar, mas ela também causa uma certa sedução, porque no caso ela é assim, a artista que estava com questões feministas, eu era praticamente a feminista com questões de artista, assim, querendo ter uma práxis agora na arte. Bom, aí foi isso assim, aí ela esboçou a ideia da Rede NAMI [Rede Feminista de Arte Urbana], eu sou mega taurina, adoro coisas para construir e fazer. E nisso que ela expressou a ideia, agarrei a ideia, comecei a trabalhar nela, tinha essa coisa assim já de... Foi o momento em que eu saí tanto do mestrado, quanto eu também era editora iconográfica na revista, foi o mesmo momento de sair, estava doida por alguma coisa para jogar minha energia. E aí voltei para o movimento feminista, dessa forma que eu voltei, eu já me conectei com a Articulação de Mulheres Brasileiras, porque assim que a gente se conectou, eu e a Panmela, nós fomos chamadas pela AMB para fazer parte dessa articulação, com a Rede NAMI. A gente fez bastante coisa, foi um período de um ano que eu trabalhei bastante nessa regulamentação da NAMI como uma organização. Consegui também trabalhar para a gente ter o nosso primeiro projeto de algum valor para conseguir, tanto que as meninas tivessem algum trabalho, quanto montar a NAMI, só que o que era problemático na NAMI assim: era um espaço de troca onde deveria ser de... Pelo menos a ideia era um espaço de múltipla participação horizontal, "arte de mulheres para mudar o mundo". Então tinha uma relação

de conexão, mas uma conexão política horizontal. E eu estava lá na NAMI como vice-presidenta, o título era muito estranho, e ao falar assim, a Panmela é muito difícil de lidar, e a ideia dela praticamente era ter uma empresa, isso foi ficando cada vez mais claro. Uma vez eu falando com uma pessoa da *Mama Cash* na Holanda, quantas de vocês são? Aí eu assim na casa da Panmela, nossa, nós éramos na verdade só duas, e aí a gente conectava as meninas quando tinha trabalho, até entendo que elas precisem de trabalho, mas elas não entravam numa perspectiva política porque a relação da Panmela era tão vertical, e numa ideia tão comercial, e na verdade o que ela queria era isso assim, uma pecha social para assinar os seus trabalhos, ela tinha já uma linguagem artística mais concatenada, ficava mais fácil... E sim, ela tem toda essa coisa de ser uma grafiteira dentro do meio masculino, e com esse título social, essa questão social ela divulgava mais, tanto que ela conseguiu ir lá para *Newsweek*, apareceu na *Newsweek*, não sei o que. Então ela tinha uma visão bem... eu me lembro uma vez que ela me falou: "sabe qual o problema, enquanto vocês ficam estudando esses livros aí, filosofia, essa coisa, eu leio marketing". E era o lado assim às vezes da ONG, não são todas, mas você também tem, a ONG às vezes você tem uma ideia maravilhosa, mas quando você vê é uma propriedade, e um feudozinho de alguém que está numa perspectiva capitalista movimentando uma mensagem. E aí assim, tiveram algumas coisinhas de menor, não eram menores, mas que eu estava achando bem desagradável, eu achava também que ela estava sendo desrespeitosa com outras pessoas e comigo, chamei uma assembleia, e aí fui desligada do grupo, sem a mínima democracia de reunirmos e conversarmos. Quando isso aconteceu a Articulação de Mulheres Brasileiras, que estava participando, tinha algumas pessoas participando dessa fundação da NAMI, percebeu isso, falou, "olha, poxa, vem para a Articulação, deixa isso, deixa esse lugar, não precisa, você não queria uma empresa, não tem nem o que processar, deixa ela com a arrogância, porque ela tem esse caráter". E vamos militar numa plataforma, numa articulação que não é um partido, não é uma organização não governamental, é uma conexão de mulheres de vários estados, de várias idades, de várias faixas etárias, diversas realidades, então você tem indígenas, quilombolas, profissionais liberais, e é uma conexão nacional, que procura discutir política, procura pautar questões, assim pautar campanhas, uma das campanhas possíveis para o próximo ano será a paridade, paridade política, e a questão da reforma política que já tinha começado, não foi nem em 2004, mas 2013. Então a gente discute o

que são essas coisas, é um lugar de aprendizado, é um lugar de debate, é um lugar de exercer voz política e aprender, aquele lugar mesmo onde você se sente mais confortável quando você vai para outros espaços. Mas eu não tenho nenhuma pretensão de... Eu gosto do movimento social, mas de destaque em movimento social, eu gosto de movimento social como uma perspectiva de que a gente tem que organizar a casa, assim lavar a roupa, fazer não sei o que. Então você tem as suas atividades normais, e você faz o movimento social, é possível, é necessário, você não consegue se envolver, se engajar em todas as esferas, mas você faz um pouquinho numa área. Mas, e é isso assim, liderança compartilhada, é um lugar de sororidade, que é essa solidariedade, porque as coisas não estão em disputa lá, a gente está em conexão. E aí você vê grupos, assim, aí às vezes aparece Loucas de Pedras Lilás, duas mulheres maravilhosas, que estão já com mais de 60 anos agora, e que quando foram conectando desde a década de 80, outras tantas mulheres maravilhosas para fazer esquetes, para fazer músicas, porque o nosso grande... Uns dos grandes desafios é: as feministas tiveram anos de campanha antifeminista, como a gente reproduz a nossa mensagem sem ser de um modo maçante, que as pessoas não tenham reatividade tripla logo de cara. E aí tem o pessoal do artivismo, que é nessa perspectiva, então, "ah, a gente pode unir o grafite, isso é bom, o estêncil, isso é legal, a música, a esquete", as Loucas [de Pedra Lilás] já fazem isso desde a década de 1980. Então uma francesa e uma uruguaia que vivem no Brasil, em Recife, desde a década de 1980, e aí tem isso, aí você se conecta com as Loucas, e aí quando elas estiveram no Rio, para o Rio+20 elas tinham uma esquete, participei dessa esquete também, então era uma performance nas ruas, sempre tive assim essa vontade, esse gozo por brincar, por ousar, o feminismo permitia isso assim, você tem várias áreas de construção, e é muito nesse lado também, o feminismo, esse novo feminismo teve mais o caráter igual o próprio desenho no muro, o próprio grafite, esse lugar que está aí, vamos lá, vamos fazer, pegar as coisas e fazer, não tem a permissão, não tem... O Campo está aberto, o movimento social é isso, é se unir, quem vai fazer agora, quem não vai, quem vai fazer o lanche? Quem vai cuidar das crianças, quem vai fazer, sabe, o relatório, quem vai apresentar as pautas, então é um lugar de experiências.

RS: Você também participou da construção da Marcha das Vadias, que surgiu no Canadá, e acabou sendo absorvida em vários países, inclusive em vários estados aqui no Brasil, você participou da construção aqui no Rio?

NT: Foi, aí a Marcha das Vadias foi o que apareceu pós a NAMI, assim, bom, "onde é que eu vou colocar as minhas energias?". Aí assim 2011, 2011 já surgiu com aquela situação do policial no Canadá dando a declaração que para as mulheres não serem estupradas elas deveriam parar de se vestir como *sluts*. E aqui no Rio uma companheira da AMB ficava "gente, vocês viram isso? vamos fazer alguma coisa". Isso foi em 2011, já estava tendo várias passeatas legalistas, antiproibicionistas, já tinha essa coisa dos grupos, dos coletivos já estarem, né? Tinha tido o Occupy na Cinelândia, eu acho que tinha, isso daí eu tenho uma dúvida, mas assim, já tinha esse... E o que aconteceu assim, os casos de estupro, e é uma realidade que toca várias mulheres em vários lugares, não é difícil. É engraçado que eu fui para... Eu vi das suas perguntas, a ideia de qual é a sua conexão internacional - não tenho muita conexão internacional não, só que eu fui para Alemanha, para Berlim, conhecer as meninas também da Marcha das Vadias de lá, foi até interessante, porque é muito bom, muito bom não, é muito triste, mas é muito bom você conhecer mulheres que estão fazendo a mesma luta, e aquelas mulheres que você achava "não, Berlim não vai ter, a princípio assim, um lugar tão "prafrentex", não, a Holanda, Amsterdã não, não vai ter, para que ter Marcha das Vadias?, puxa, Canadá...". E aí você vê que a realidade é uma realidade ainda que demanda esse tipo de voz. Mas a Marcha das Vadias aconteceu assim, a Daniela estava o tempo todo "vamos fazer a Marcha, vamos fazer alguma coisa", Daniela Montper, ela saiu de umas dessas passeatas antiproibicionistas, não sei se pela legalização da maconha, e junto com a Rogéria Peixinho e a Jandira, elas sentadas no bar, a Rogéria também da Articulação de Mulheres Brasileiras, a Jandira não, mas ela é uma militante dos direitos LGBTs de muito tempo. E aí elas sentaram, puxa vamos, vamos, daqui a gente vai disparar os convites para pelo menos a primeira reunião, aí na primeira reunião eu estava, e aí a gente fez uma reunião no IFCS, é sempre no IFCS assim, o IFCS é uma base ótima para movimento social, é um lugar central. E aí estive na organização de 2011, 2012, 2013. Em 2013, com a vinda do Papa, a gente estava querendo pautar não o confronto direto, mas uma contraposição de ideias, e aí a gente pega um quadro, um novo Papa, um Papa que

estava esboçando novos discursos, e a realidade de rua também, que é uma divulgação de um movimento de rua que já estava crescendo, e uma ação que foi uma ação irresponsável, que foi ação dos crucifixos, e da santa, de quebrar a santa, que não teve nenhuma relação com a organização da Marcha das Vadias. Mas é isso, na rua você não tem como... A gente tinha até o apoio das Católicas pelo Direito de Decidir, e outros grupos, mas a gente tinha bancado que a gente ia evitar a violência física, ia proteger todos os grupos, artistas e tudo mais. E eles, o Grupo Coiote fez uma ação que deixou em vulnerabilidade muitas mulheres, inclusive eu, porque eu estava muito de frente, falando muito com a mídia, e tinha aparecido, foi a marcha em que eu mais saí, sabe assim, sem fantasias. Eu saí e tirei a blusa, foi a marcha em que eu me senti assim mais empoderada na marcha. Isso me gerou várias ameaças de estupro, morte, tive que ir na delegacia, fiquei em pânico um pouco, não gostei de ser ameaçada assim, meu nome também é estranho, eu trabalhava na Revista de História, não era difícil associar o nome e rastrear, fiquei... Não gostei.

RS: Mas isso você relaciona a essa manifestação, essa performance do Grupo Coiote ou simplesmente à sua visibilidade, a você ter parecido por conta da marcha?

NT: Eu acho que foi muito assim, a marcha já poderia trazer resistências e raivas, só que a ação do Grupo Coiote foi muito forte, né. Assim, ela foi uma ação de fato de desrespeito, na minha opinião, de desrespeito em relação a liberdade religiosa, e por mais que a gente tenha críticas e saiba da influência, da cultura cristã, tem todo um arcabouço aí, né, a importância do cristianismo, dos grupos cristãos para a abertura do Regime Militar, você tem a ideia da fé. É uma coisa assim, a gente estava num processo... a ideia é isso assim: como é que a gente coloca as nossas mensagens que são urgentes, necessárias, elas vêm de uma luta, sabe, sofrida, porque são mortes, são corpos, são vidas?. Então assim, é um caldeirão muito denso, difícil, como é que a gente passa isso para chamar com que as pessoas entrem e passem para o nosso lado? Esse daí é um grande desafio. É como transformar essa mensagem em uma mensagem que é aceita por muitas mulheres, e até muitos homens. Ela também sofre resistência dos que se beneficiam com essa situação, mas é isso assim, ela é uma mensagem difícil, dura, como é que a gente carnavaliza isso e também transforma ela em uma mensagem séria quando ela tiver que ser séria. Essa

mensagem do Coiote, dessa expressão deles, que também eles não fizeram nenhuma nota depois, ela gerou, o que aconteceu, todas as pessoas que estavam dialogando com a mídia foram ameaçadas diretamente. Outras também que apareceram foram ameaçadas, e o que aconteceu é que quem não apareceu achou ótimo, "liberdade de expressão". Só que não queria ir para mídia para falar mais sobre isso. Fora que também tem sempre as pessoas que acham que tensionar, ter mais radicalidade nos atos é a melhor estratégia, ou melhor... Quem apareceu não dava para falar e continuar, mas assim, eu pessoalmente também não compactuei, foi um processo assim do que eu estou entendendo que está acontecendo. Não compactuei porque tinha um acordo mínimo, um acordo mínimo de contraposição naquele momento: a gente sabia que ia ser tenso, a gente sabia que estava o Papa, a gente sabia do número de jovens e pessoas católicas, a gente tinha uma mensagem já audaciosa, a gente já está trabalhando. Agora, engraçado, que a nossa mensagem audaciosa é a mensagem da liberdade, da autonomia, do primeiro território que a gente tem que é o corpo, é uma mensagem audaciosa que é tão, chega a ser ridículo falar que é audaciosa, porque assim, ela é tão básica, é a liberdade tão inicial, que é o direito de você estar sem essas amarras, e ser respeitada igualmente, uma pessoa estar nua e ser respeitada igualmente a uma pessoa vestida, porque ambas necessitam, exigem respeito mínimo. Mas é isso assim. Com essa questão da Marcha das Vadias e também do Coiote acabou tendo um racha interno, rachas, isso daí assim... Isso surgiu e expôs outros rachas. Por exemplo, eu que estava falando com a mídia, Rogéria que estava falando com a mídia, nós somos da AMB. E na Marcha das Vadias, desde 2011 a gente fez um pacto que era o seguinte: olha, o que aparece aqui são as nossas pautas, porque aí tem essa coisinha mais micro dos movimentos sociais, que é aquela coisa difícil que você tem que negociar, de que as pautas são muito mais importantes do que nome de pessoas, do que agrupamentos. A gente respeitava isso, só que em 2013 também - assim, a gente continuou respeitando, a gente propôs para a marcha chamar outras mulheres de outros estados, a marcha não quis fazer nenhum outro projeto, nem nada, eu e a Rogéria, Rogéria fez um projeto, para chamar mulheres de vários outros estados. Aí a gente chamou as Tambores de Safo, outras que construía a Marcha das Vadias nos seus estados, não eram mulheres só da AMB. Nós fizemos um evento um dia antes da marcha, que era um evento sobre mulheres lésbicas e a violência contra essas mulheres, como um evento que concatenasse, que desse espaço para

que elas estivessem no Rio no final de semana da marcha. Então a gente conseguiu também chamar mulheres de vários outros estados, o que foi muito bom assim. Eu achei a marcha linda de 2013 assim, eu não vi o Grupo Coiote, eu não tenho a memória do Grupo Coiote, porque a minha marcha, a marcha que eu estava vivenciando era marcha assim: de estar cantando, de estar com várias pessoas que eu gosto, de estar fazendo um ato. A marcha não era só também um ato não, tá? A Marcha das Vadias que a gente estava construindo não era um movimento, mas eram várias ações, era um grupo que se reunia para fazer várias ações, tanto que em 2011, 2012, 2013, esses três anos eu realmente fiquei muito na marcha, foram anos assim de muito... Eu acho que foi por isso que eu não voltei para a academia, é isso, acho não, foi por isso, foi tudo muito bem vivido assim, com muita entrega. Eu ficava muito com a comunicação da Marcha das Vadias nesses anos, principalmente em 2012 e 2013, então eu colocava muitas mensagens, depois eu até fiquei assim meio avaliando o poder das mensagens que você coloca nesses redes, aquela coisa, o filme "A Onda", do que você está endossando, e quais são os limites do que vai sendo repassado. Por exemplo, a coisa do Pagufunk [grupo de funk feminista], "Eu vou cortar sua pica", é interessante como um certo empoderamento de um lado, mas por outro também tem um discurso de violência se repetindo que é problemático. E aí assim, teve em 2013, eu acho que em 2013 mesmo, um encontro de artistas feministas, que nós fomos, aí eu me lembro assim, foi bem interessante, intenso, mas na hora de fazer essa performance eu já consegui sair assim, já não está mais naquela emoção de militar de, sabe, peito aberto. É isso, eu acho que depois da Marcha das Vadias, ter mais cuidado com esse tal peito aberto, eu acho que até foi uma... E tomar cuidado mesmo com como é que essa informação chega, como é que essas mensagens estão chegando, e para quais grupos estão chegando. Você não vai ter uma mensagem que chegue de uma forma única, assim, nenhum discurso que signifique de fato só uma coisa, mas...

RS: Então, para seguir daí: você já mencionou sobre essa coisa da multiplicação de coletivos jovens muito nos últimos anos, e o fato de você, por exemplo, não ter conseguido quórum para o grupo lá quando você estava na sua graduação em História na UFF em 2004, hoje em dia a gente já está... Todas as universidades têm os seus coletivos de mulheres, né?

NT: Fortes.

RS: Fortes, articulados e grupos que trabalham com linguagens muito diversas, como a Pagufunk, que é um grupo da baixada que usa o funk, Tambores de Safo e vários outros. Como é que você vê assim esse momento, inclusive por esse lado aí do que você acabou de comentar, de como as mensagens chegam para essas mulheres jovens que estão entrando no feminismo, muito através desses grupos?

NT: É, esses grupos assim, é interessante perceber que estes grupos nem sempre são universitários, eles também se geram, tem um nascer também que nem sempre é nascer dentro da universidade. A gente tem desde 2006 até 2014 um aumento significativo das taxas de violência, de números de estupro. Aí você pode falar: "mas talvez agora as pessoas estejam denunciando mais". De fato, a violência não tem diminuído, então se denuncia ou não, e a gente tem assim alguns anos, seis anos de Lei Maria da Penha, se eu não me engano. Denunciando ou não, são vidas em questão, e a gente tem a realidade de que a violência contra a mulher atinge várias as classes, todas as classes sociais. Assim como a questão do aborto, assim como necessidade por creches, assim como o fato de que nós mulheres... Isso daí assim, numa perspectiva, quando você vê, e quem tem a experiência da maternidade sabe que recai esse lado para a mulher, e que uma mulher de uma faixa etária se comparar com outro homem da mesma faixa etária, ela certamente estará ganhando um pouco menos do que o homem, ou muito menos, e se ela for uma mulher negra ela vai ganhar muito menos do que essa mulher que não é negra. Então a gente tem umas condições que se mantêm, se perpetuam, sabe, uma relação com uma mídia, uma mídia que detesta mulheres, porque a mídia que eu falo é canal de televisão, às vezes rádio, você tem uma... Ao mesmo tempo você tem maior nível de escolaridade dessas mulheres, a gente teve uma boa revolução, assim, para as mulheres ocidentais no século XX. Se teve um campo que a gente ganhou, a gente ganhou na educação, então a gente tem um bom nível de escolaridade com demandas urgentes que são do século XIX às vezes assim, que é essa manutenção da violência... Bom, muita coisa melhorou também, mesmo no campo da violência, não estou dizendo que não melhorou, mas esse lugar da mulher como a mulher

que toma conta, que cuida, esse lugar de cuidadora desse núcleo familiar, então a gente ainda tem questões muito... E aí assim, a gente aparece com uma nova realidade de maior participação, onde as redes sociais se tornaram um novo lugar de encontro. Isso daí é de um poder enorme, porque você não precisa mais estar na universidade para você conhecer pessoas que tenham mesmas ideias que você, você pode ser a profissional, estar atuando em áreas bem diversas, e por uma demanda, e por experiências, e experiências não faltam, ruins, se sentir revoltada, e até é bom o fato da rede social, porque é uma rede em que você não tem o contato direto, então você vai se acercando daqueles seus interesses ou das pessoas que estão montando esses grupos, aos poucos, você não se coloca presencialmente, então tem já essa discussão. Acho que realmente as redes sociais tiveram um papel fundamental nesse novo fazer dos movimentos sociais. Sabe assim, alguns se mantêm... se manter não significa que é o ruim, não é o ruim, o novo como bom, mas eu vejo uma diferença grande. Entre a Articulação de Mulheres Brasileiras e a Marcha das Vadias é uma diferença enorme. No início até eu me sentia aquela jovem muito animada com a Marcha das Vadias, porque conectava com mais jovens, sabe, com todas querendo fazer, querendo pichar o próximo muro, querendo tirar a roupa, que legal... Um vigor muito grande que já na Articulação de Mulheres tem, mas tem de um outro lado, tem um "calma vamos pensar, vamos ver quais são as consequências", e aí você tem as mais jovens que vão às vezes fazendo algumas coisas, que aí as mais preparadas vão se articulando para pensar mesmo a defesa, a defesa em relação a advogados, às possibilidades negativas. A Lidi, por exemplo, não é da Articulação, mas tem contato com várias pessoas que são da Articulação de Mulheres Brasileiras, e aí também você vai se conectando, a gente tem o conhecimento dessas redes, dos vários grupos, mesmo anarquistas. E aí assim, esses grupos que se conectaram pela internet são muito mais fluidos, eles são muito mais impetuosos, eles são em geral, têm muitas meninas mais jovens, e que tiveram pouco contato ainda com o feminismo, então estão nesse... E aí perguntam "ah, o meu namorado fez isso, será que isso é machismo?", tem um lado assim meio, um canal de entrada, sabe? Também estão vendo, "puxa, quem são essas feministas, o que é ser feminista?", tem um lugar inicial de experimentar e de se assumir, de se empoderar, que nesse processo a gente chama de empoderamento. Eu acho bem bacana, mas tem um outro lado que é o tempo, o tempo da maturação... As coisas são decididas com mais rapidez. Por exemplo, nessa segunda Parada

Gay, que seria uma nova Parada Gay, eu estava na organização um pouco também. Minha identidade é assim, sou bi, mas na prática eu sou hetero, mas isso daí é uma relação assim, como eu curto essa coisa de direitos sexuais e reprodutivos, é uma demanda importante... Mas acabei entrando assim para conectar também os movimentos feministas para essa marcha. E aí você tem isso, você tem uma proposta também de organizações onde você não tem assim, ah, você organiza, mas é tipo bloco de carnaval mesmo, sabe, entre quem toca e quem está lá, todos são mega importantes, você não tem assim o lugar da pessoa que traz uma memória sobre aquela organização ou aquela articulação, tem uma liderança mais fluida. Isso eu acho muito legal, a parte mesmo do tempo de debate sobre as questões que é uma coisa que falha, sabe assim, aquele avaliar, aquela, vamos ouvir as vozes, vamos pesquisar um pouquinho, isso daqui foi bom, isso aqui não foi, esse aprofundamento aí já... Porque é o tempo também da rede, sabe assim, nessa Marcha da Parada Gay, aconteceu de um menino negro que estava roubando ser parado pela polícia, e aí assim, alguns continuaram, aí quem continuou disse que a marcha foi linda, e logo outros vão falar "olha, mas isso daqui está burguês demais, está na orla, que não sei o quê", e não tem tempo de aprofundamento adequado, eu acho que nem quem critica, nem quem está sofrendo a crítica, enquanto coletivo. Mas em geral é isso assim, os movimentos... Ah, uma coisa importante da Articulação de Mulheres Brasileiras, que também vale a pena ser falada, e que é uma articulação que se propõe anticapitalista, antirracista e feminista. E aí por mais que você tenha... De fato, tem esse caráter muito forte, esses três pilares fortes, mas por mais que você tenha isso vai sempre ter alguém assim: "ah, aqui não tem nenhuma mulher negra, não tem nenhuma mulher indígena na nossa sala", então vão ter sempre, "ah, mas essa pesquisa aqui será que ela está só olhando mulheres liberais, assim, dos centros urbanos, brancas, não negras, não indígenas", que é uma crítica necessária, porque movimento social é isso, e a gente estar reclamando vozes que estão cotidianamente, historicamente sendo silenciadas assim, e acho que...

RS: Você mencionou agora há pouco um encontro de artistas feministas de que você participou no ano passado?

NT: Foi.

RS: Como é que foi esse encontro, quem foi que organizou? E você continua atuando como artista?

NT: Quem organizou foi o Cfemea, se chamou REAL, primeira REAL Feminista, depois da primeira real teve a segunda REAL Feminista em Fortaleza. Eu fui na primeira, que foi em Brasília, na segunda em Fortaleza não fui, antes do BRICS. Os encontros são muito feitos também às vezes assim em momentos importantes, porque aí é uma forma das pessoas se reunirem para debater antes e depois fazerem uma ação, até porque a gente não tem tantos recursos assim para pegar e organizar dinheiro para trazer mulheres dos outros estados. Eu, no final do ano passado e esse ano - então, eu morava em Niterói na graduação, antes da graduação mesmo saí um pouco de Niterói e vim para o Rio porque já trabalhava, comecei a trabalhar no Rio, trabalhei no Arquivo Público do estado, Biblioteca Nacional, na revista, e vim para cá para o Rio, fiquei em alguns bairros assim, periféricos, só que aí quando eu quis, pensei assim, "*pô*, quero ser artista, quero ser artista", fui para Santa Teresa. Mas a especulação imobiliária no ano passado acabou com todos os ateliês quase. Quem não tem um espaço próprio e vivia de aluguel não se sustentou. E eu trabalhava muito com cerâmica, eu comecei na cerâmica antes de grafitar até. Eu adoro cerâmica. Mas essa impossibilidade... porque a cerâmica é um lugar que precisa mesmo de um atelier, e os muros, o que aconteceu, eu comecei a trabalhar, bom, militar eu já militava, mas esse ano foi um ano muito assim de trabalho, fiz uma pesquisa para uma exposição lá no Museu de Arte do Rio, que é "Do Valongo à Favela", estou terminando um livro também sobre iconografia de Salvador na BN, e aí acabei optando por dar, porque assim, é o que paga as minhas contas, mas não é só não, é uma profissão, é o que eu gosto, de fato eu gosto de trabalhar com imagem. E não dá para fazer tudo, eu adoraria, mas não dá. E eu estou sentindo falta mesmo de voltar para a academia, então eu estou deixando a produção. Ah, esse lugar de artista também é isso assim, tem que se vender, assim, tem uma concessão para o mercado, tem que ser meio múltiplo, eu acho que o lugar de pesquisador ele fala mais comigo, com a minha personalidade, do que esse lugar de ter que me vender, fazer portfólio, não sei o que, não sei o que lá.

RS: Mas pelo o que você me falou, a sua relação com a arte também veio muito misturada com a sua relação com o feminismo, e também por causa disso você esteve nesses encontros de artistas feministas?

NT: É, assim, bom, eu comecei com a cerâmica sem propostas feministas assim, mas esse lugar mesmo da linguagem feminista e artística está muito junto. Eu pude experimentar muita coisa no movimento feminista, sabe? Eu não fiz EBA, mas pelo feminismo a gente tinha as performances nas ruas, eu acho que a Marcha das Vadias, quando eu me coloco no movimento da Marcha das Vadias, é uma performance também. Eu não me sinto assim... você tirar a roupa e você começar a cantar palavras e músicas, tem uma outra personalidade, uma outra proposta, um outro uso de corpo. É até engraçado que, na Marcha das Vadias em que eu mais tirei a roupa, tinha uma pessoa que eu estava saindo, que eu gosto bastante, aí toda vez que eu chegava perto dele eu me vestia. Quando eu estava assim, não via ele na frente, aí eu ficava nua, falava, megafone, ele até, um amigo assim, me chamava assim: "pô vadia, eu não estou te entendendo" [risos]. Mas é essa sensação de que ali assim, quando eu estava, não era bem eu, era uma personagem artista que me empodera, me deixa... Dá um sopro de vida você começar, você ver que você tem voz para falar e cantar, e que as pessoas também cantam, que aí você passa o megafone, os outros cantam você canta atrás, é legal, é bom assim. Mas esse lado assim... eu deixei nesses anos academicamente os meus estudos de alguma forma assim, eu continuei lendo, estudando, trabalhando com História, para a revista tinha esse lugar de estar lendo a academia e estar repassando de outra maneira. E as exposições, vou pegar agora uma outra exposição, essa daí bem bacana sobre "Mulheres Modernas", e também no MAR, então eu vou começar essa pesquisa para maio, vai ser corridinho, mas vai ser bom. Mas é isso assim, aí eu estou naquela hora assim: eu estou com 31 anos, eu adorei tudo que eu fiz, mas eu estou vendo os meus amigos entrando em concursos públicos para professores de história. Eu acho lindo, fico muito feliz por eles, mas fico assim, cadê essa profissão que eu escolhi assim, sem pestanejar, sabe? Quando eu fiz meu vestibular, que eu tive críticas dentro da graduação, tanto que eu saí desse lugar, de alguns amigos que, a gente até fala, "historiadores puro sangue", mas que ao mesmo tempo também me encanta. Eu fico pensando, pô, preciso pegar essa coisa da Luz Del Fuego, preciso trabalhar com isso, aí outras vezes eu falo assim,

poxa, eu já fiz tanta pesquisa sobre imagens do Rio de Janeiro, por que eu não reúno isso para escrever também um pouquinho? Então é brincar de outra forma.

RS: Já pensando em encaminhar mais para o nosso fechamento, eu queria te perguntar como é que você contextualiza a sua trajetória como militante dentro dos feminismos mais a nível nacional, e a nível global também.

NT: Bom, eu acho que tem um pouco dessa coisa assim que foi falada, a gente tem uma demanda grande, o feminismo ainda é uma... A gente não tem o feminismo, a gente tem os feminismos. É difícil colocar nessa análise assim, eu entrei num movimento dentro de possibilidades de organizações de coletivos pulsantes facilitados pelas ferramentas de internet, novos lugares, mas o fato de eu ser também feminista, já saber que eu era feminista, já conhecer essa identidade, sabe, as possibilidades de identidades feministas desde com manifesto, que é aquela coisa assim mais radical até.... Faço uma militância que eu considero mais anarquista mesmo, porque que eu não sou ligada a partido político, não tenho pretensão de, sabe, liderança ou profissionalização, eu não estou dizendo que isso seja ruim, só que não é... Então [gosto da] ideia de lideranças múltiplas. É uma ação, eu vejo como uma ação cidadã, minha conexão em relação ao feminismo e o mundo, eu tenho... A gente recebe algumas informações, às vezes, né. Eu hoje trabalho pelo feminismo assim, que tipo de contribuição que eu estou dando atualmente? Sou da comunicação, da área de comunicação da Articulação. Então é isso, a gente se reúne, quem está a fim de divulgar vai ficar propulsionando, interna e externamente. A Articulação no Rio está um pouquinho parada, porque também tem uma questão etária grande. E dentro também da Articulação de Mulheres Brasileiras eu debato ou vou de vez em quando para reuniões que falam sobre direitos sexuais e reprodutivos, para saber como é que está, o que estão fazendo, quem vai fazer ações em congresso, mas eu não faço ações em Congresso, no Congresso Nacional, eu fico muito a nível local e às vezes também chamando para esses movimentos de rua, coisas também que cada vez esse ano eu devo fazer menos, esse ano eu vou fazer menos porque... [risos] Eu vou fazer menos. Mas é isso, assim, esse fazer menos não é problemático, outras pessoas vão e outras pessoas farão. Por exemplo, a Lidi estava falando assim... eu acho que dentro desses anos o que eu tenho possível, assim, é uma rede para conectar por meio da

comunicação, ela estava falando "poxa, eu quero alguém, acho muito importante a Baixada fazer um movimento na Baixada". Eu não sou moradora da Baixada, não quer dizer que eu não tenha sororidade, mas que as lideranças sejam locais, a atuação seja local, tudo isso. Então assim, às vezes eu ajudo ou mesmo vou em alguns eventos, mas estou em uma perspectiva também de maior autocuidado. Uma coisa assim, muito, não foi só feminismo, mas eu tive um engordamento assim, muito grande, com o movimento social. E eu fico pensando, a gente tem uma relação com as... até conversando com um amigo, a gente vai pensando um pouco o futuro pelas pessoas queridas, pelas pessoas que trabalham com a gente, assim, num lugar mais próximo, e pela família. E é incrível porque muitas militantes têm vários problemas de saúde desde câncer, etc., a gente lida com coisas que são muito pesadas, sempre chega mesmo, vai chegar, as notícias chegam rápido. E às vezes, assim, você tem que agir de uma forma a conectar as pessoas de forma rápida. Essa realidade, por que essas militantes tem tanta dificuldade de saúde e às vezes até dificuldades financeiras é uma questão. E aí tem até uma pessoa, assim, que está aqui no Rio agora, ela é da Sérvia, ela até escreveu um livro, "De que valem as revoluções se nós não podemos dançar?", e é um pouco esse lado, assim, sobrecarregar demais, lidar com coisas muito densas... É importante, eu até acho, assim, essa circularidade de atuações para que a gente consiga se regenerar também, lidar com a parte pesada, mas lidar também com o nascer do sol, o pôr do sol, e aí é isso, assim, cuidar de si. Está tendo um debate grande do autocuidado nos movimentos feministas hoje, que na verdade é um autocuidado contra o sistema, contra esse... Não é só contra o machismo, contra um sistema maior até do que o machismo, é isso.

RS: Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

NT: Acho que não, acho que eu falo muito.

RS: Então é isso, a gente encerra por aqui, queria agradecer a Nataraj.

NT: Obrigada também pelo convite.

RS: Foi ótimo também, obrigada.